



CURSO PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS **Artigo e Projeto de Pesquisa de Pós-Graduação**

Professoras: Suelene Silva Oliveira Nascimento
Sâmia Araújo dos Santos

REDAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

A redação de um trabalho acadêmico requer fidelidade aos dados obtidos com organização lógica e elegância de estilo. Para bem escrever um trabalho científico, Richardson *apud* Litton (1999, p. 305) recomenda observarem-se atentamente dez itens.

1. Variar a extensão das frases. Dar preferência às orações curtas simples.
2. Eliminar toda palavra supérflua.
3. Usar um tom impessoal na redação. Cultivar um estilo formal, sem se mostrar pedante.
4. Empregar corretamente o idioma.
5. Familiarizar-se com os sinais de pontuação e a função que desempenham.
6. Dar a devida importância a cada palavra. Conhecer o significado das palavras, antes de usá-las. Evitar os falsos sinônimos, o nome vulgar ou familiar das coisas. Nunca empregar gíria.
7. Resistir a toda tentação de utilizar terminologia com significado subjetivo.
8. Abster-se do uso de aumentativos, superlativos e diminutivos.
9. Usar, de preferência expressões e termos castiços, e não vocábulos vulgares ou mal-informados.
10. Ler bons autores. Aproveitar o melhor dessa leitura para desenvolver seu próprio estilo, que deve ser o reflexo da personalidade culta de um universitário e de um profissional.

1 NÍVEIS DE PESQUISA

É possível encontrar uma grande variedade de classificação de pesquisas. No entanto, a mais usual é a catalogação em três níveis: *estudos exploratórios*, *estudos descritivos* e *estudos explicativos*. Adotando esses três níveis de pesquisa, passamos a descrever cada um deles.

1.1 Pesquisa exploratória

Este tipo de pesquisa desenvolve estudos que dão uma visão global do fato ou fenômeno estudado. Em regra geral, um estudo exploratório é realizado quando o tema escolhido é pouco trabalhado, sendo difícil a formulação e a operacionalização de hipótese. Muitas vezes, esse tipo de estudo constitui-se em um primeiro passo para a realização de uma pesquisa mais aprofundada. Portanto, uma pesquisa exploratória requer um estudo posterior e, normalmente, esse tipo de estudo tem um planejamento mais flexível, que envolve levantamento bibliográfico, análise de documentos, observação de fenômenos e estudo de casos.

1.2 Pesquisa descritiva

A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise aprofundada do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos. Também utilizada para a compreensão de diferentes comportamentos, transformações, reações químicas para explicação de diferentes fatores e elementos que influenciam um determinado fenômeno.

Uma pesquisa descritiva exige um planejamento rigoroso quanto à definição de métodos e técnicas para coleta e análise de dados. É recomendável que se trabalhe a pesquisa descritiva, utilizando-se de informações que são obtidas através de estudos exploratórios. As pesquisas

descritivas não só explicam a relação entre variáveis, como procuram determinar a natureza dessa relação, fundamentando com precisão o objeto de estudo. Daí por que Oliveira (1997) afirma:

O trabalho descritivo possibilita abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social, como salário e consumo, mão-de-obra ativa, população economicamente ativa, situação social, econômica e política das minorias e opiniões comunitárias, entre outros (p. 114).

Esse mesmo autor ainda assegura que, sendo o estudo descritivo bastante amplo, permite o desenvolvimento de uma análise, para identificação de fenômenos, explicação das relações de causa e efeito dos fenômenos ou, mais precisamente, analisar o papel das variáveis que, de certa forma, influenciam ou causam o aparecimento dos fenômenos.

1.3 Pesquisa explicativa

Esse tipo de pesquisa é ainda mais aprofundado, tendo como principal objetivo a identificação dos fenômenos, buscando explicações para os fatores que contribuem para a ocorrência desses fenômenos. Como bem assinala-nos Gil (1999):

O conhecimento científico está assentado nos resultados oferecidos pelos estudos explicativos. Isto não significa, porém, que as pesquisas exploratórias e descritivas tenham menor valor, porque quase sempre constituem etapa prévia indispensável para que possam obter explicações científicas (p. 44).

2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS

A utilização de métodos em pesquisa, em sentido genérico significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos. Esses procedimentos implicam dois tipos de abordagem do fenômeno que se pretende estudar: a *abordagem quantitativa* e a *abordagem qualitativa*.

Os métodos quantitativos e qualitativos apresentam uma abordagem específica no tratamento dos dados coletados, sendo o primeiro voltado para dados mensuráveis, através da utilização de recursos e técnicas estatísticas. O método qualitativo, mais voltado para o âmbito social, caracteriza-se por abordagens complexas relacionadas aos problemas sociopolíticos, econômicos, culturais, educacionais e peculiaridades não-quantificáveis.

Esses dois tipos de abordagem não são excludentes, visto que, na opção por uma pesquisa qualitativa, pode-se recorrer a dados quantitativos para melhor análise do tema em estudo vice-versa.

2.1 Abordagem quantitativa

O método quantitativo significa quantificar dados obtidos através de informações coletadas por meio de questionários, entrevistas, observações, assim como "o emprego de recursos e técnicas estatísticas desde as mais simples como porcentagem média, moda, mediana e desvio padrão, até as de usos mais complexo como coeficiente de correlação, análise de regressão" (OLIVEIRA, 1997, p. 115).

Apesar de essa abordagem permitir maior precisão quanto à explicação quantitativa dos fenômenos e correlação de variáveis, a principal crítica que se faz a esse tipo de abordagem, segundo Richardson (1999), diz

respeito à separação entre fatos e seus contextos, característica básica de positivismo (p. 79).

2.2 Abordagem qualitativa

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de explicar-se em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem mensuração quantitativa de características ou comportamento.

Segundo Oliveira (1999, p. 117), as abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecer contribuições no processo das mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. Ainda segundo esse autor existem situações de pesquisa que envolvem conotações qualitativas que convergem em três aspectos:

1. situações em que se evidencia a necessidade de substituir uma simples informação estatística por dados quantitativos. Isto se aplica, principalmente, quando se trata de investigação sobre fatos do passado ou estudos referentes a grupos, dos quais se dispõe de pouca informação;
2. situações em que observações qualitativas são usadas como indicadores de funcionamento de estruturas sociais;
3. situações em que se manifesta a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos, cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos, devido à complexidade que envolve a pesquisa (*ibidem*; p. 117).

A abordagem qualitativa facilita ainda a apresentação de resenhas, descrição detalhada dos fatos e fenômenos observados. No entanto, é preciso entender que as abordagens quantitativas e qualitativas não são excludentes; até diríamos que elas se complementam, visto que existem fatos que são do domínio quantitativo e outros, de domínio qualitativo.

3 ESTILO DE REDAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

A redação de um trabalho científico tem, como parâmetro, quatro elementos básicos: clareza, objetividade, consistência e sobriedade.

Uma redação é *clara* quando não deixa dúvidas ou não apresenta ambigüidades que dêem margem a outras interpretações. Por exemplo, devem-se evitar expressões, tais como: "nem todos", "praticamente todos", "vários deles". É aconselhável a substituição dessas expressões por "cerca de 75%", "20%". A linguagem deve ser elegante, sem sofisticação; nada de termos rebuscados: *querer falar bonito* só desvia a atenção do leitor. Cada palavra, termo ou frase deve traduzir exatamente o que se quer dizer, o pensamento que se quer transmitir e informar.

A *objetividade* diz respeito à utilização correta dos termos técnicos, que devem ser explicados com clareza, informando sua utilização popular, se for o caso. Entre um parágrafo e outro, manter a coerência na organização lógica das frases, dando continuidade ao assunto e, em alguns casos, utilizar termos ou expressões, tais como: *daí por que, é possível concluir, conforme autor citado, ainda que, mesmo que, entretanto, assim, dando continuidade, segundo o autor, como vimos, podemos constatar que etc.*

O critério da *objetividade* também diz respeito à *consistência*, na forma de expressar-se corretamente. Trata-se do uso adequado da linguagem, através da pontuação e seqüência lógica, para uma boa compreensão do leitor. Portanto, a *consistência* requer clareza na linguagem, com a qual cada assunto deve ser trabalhado de maneira direta e com simplicidade.

Quanto à *sobriedade*, recomenda-se uma linguagem direta, sem rebuscados na forma de apresentação do texto, ou seja, a não-utilização de molduras ou linhas para enfeitar determinadas páginas, gráficos ou tabelas.

4 TIPOS DE MONOGRAFIAS

Antes de adentrarmos nos diferentes níveis de monografias, é importante que se entenda o significado do termo monografia, vez que se percebe uma certa confusão conceitual quanto aos trabalhos científicos que são exigidos como critério de avaliação final em cursos de graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*.

Do ponto de vista etimológico, a palavra monografia é de origem grega: *monos* (um só) e *graphein* (escrever). Assim sendo é comum definir-se *monografia* como sendo “um estudo por escrito de um só tema exhaustivamente estudado e bem delimitado” (HULME, 1999, p. 249).

Dependendo dos objetivos pertinentes a cada curso e dos critérios de avaliação final, o trabalho científico exigido como requisito de conclusão de curso pode ser apresentado de diferentes maneiras: monografia, memória científica, dissertação, tese doutoral e outras modalidades de trabalhos científicos.

A monografia é classificada em três tipos: análise teórica, análise teórico-empírica e estudo de caso.

4.1 Monografia de análise teórica

Este tipo de monografia caracteriza-se como sendo um trabalho teórico conceitual sobre um determinado tema, que requer uma exaustiva pesquisa bibliográfica. Para MENDES, *apud* Tachizawa (2000, p. 32), a monografia de análise teórica pode ser classificada em três níveis:

1. uma organização coerente de idéias, extraídas de uma pesquisa bibliográfica de alto nível;
2. análise crítica ou comparativa de uma obra, teoria ou modelo já existente, a partir de um esquema conceitual bem definido;

3. um trabalho inovador, com base em pesquisas exclusivamente bibliográficas.

Em síntese, uma monografia de análise teórica apresenta sistematização coerente de uma pesquisa bibliográfica, através de uma análise crítica ou um estudo comparativo entre autores que tratam do tema escolhido como objeto de pesquisa.

4.2 Monografia de análise teórico-empírica

É o tipo mais usual de trabalho acadêmico, por ser um estudo que requer uma pesquisa de campo, tomando-se como respaldo teórico a revisão de literatura pertinente ao objeto de pesquisa. Esse tipo de monografia também pode ser classificada em três níveis:

1. análise interpretativa de dados primários em torno de um tema, com apoio bibliográfico;
2. tese de hipótese, modelos ou teorias, a partir de dados primários e secundário;
3. um trabalho inovador, a partir de dados primários, com pesquisa de campo ou laboratorial.

A monografia de análise teórico-empírica requer um planejamento cuidadoso quanto à delimitação do problema a ser pesquisado, com objetivos, hipóteses e metodologias bem delimitados.

4.3 Monografia de estudo de caso

Esse tipo de monografia requer um estudo detalhado de um caso real, com definição e tese de hipótese(s) e uma fundamentação teórica.

Com base em Yin (1981), o estudo de caso deve ser entendido como um estudo empírico que investiga um fenômeno em seu contexto real.

Quando as fronteiras entre um fenômeno e o seu contexto não são claramente definidos, o estudo de caso utiliza várias fontes de evidências para compreensão do objeto de estudo (p. 23).

Daí por que Maren (1995) considera o estudo de caso um método eclético, em que se podem utilizar diferentes técnicas e métodos que facilitem a compreensão do objeto ou fenômeno em seu contexto. Nessa direção, Gil (1999) define o estudo de caso como um estudo profundo e exaustivo que permite o conhecimento amplo do objeto de pesquisa. Esse autor sintetiza o estudo de caso em três principais finalidades: exploração da vida real, cujos limites não estão bem definidos; descrição da situação do contexto do fenômeno em estudo; e explicação de variáveis causais de determinados fenômenos em sua complexidade e em situações nas quais não é possível a utilização de levantamentos e experimentos (p. 73).

5 ESTRUTURA DAS MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

Os elementos essenciais para a estruturação de trabalhos acadêmicos para obtenção de título de bacharelado, graduação, especialista, mestre e doutor são chamados de elementos *pré-textuais*, *textuais* e *pós-textuais*, cuja explicação é apresentada logo no item 1 do primeiro capítulo deste trabalho.

Nos Apêndices L e M, apresentamos a estrutura para elaboração de projetos acadêmicos, construção de monografias, dissertações e teses. Para facilitar a redação do trabalho acadêmico, fazemos ainda algumas considerações quanto aos seguintes itens: construção de capítulos, citações, notas de rodapé, abreviaturas, coleta de dados, análise de dados, conclusões/recomendações e depósito de relatório final.

5.1 Construção dos capítulos

A construção dos capítulos de um estudo monográfico pressupõe um planejamento quanto ao detalhamento de cada item da estruturação da pesquisa realizada. Em regra geral, a quantidade de capítulos é determinada pelo(a) autor(a) ou por sugestão do(a) orientador(a). É essencial que, além da *justificativa*, seja garantidos quatro capítulos fundamentais: *fundamentação teórica*, *metodologia*, *análise dos resultados* e o capítulo final das *conclusões*, com recomendações e/ou sugestões.

É importante que o estudo realizado seja bem fundamentado em cada capítulo, evitando-se repetições e longas retomadas históricas. O trabalho científico, como bem assinala Severino (2000), consiste em uma “exposição lógica e reflexiva em argumentação rigorosa, com alto nível de interpretação e julgamento pessoal” (p.152).

5.2 Citações

As regras gerais de apresentação de citações encontram-se no texto da Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR 10520, de agosto de 2002, para as quais aconselhamos o(a) leitor(a) a fazer uma consulta para maiores detalhes que não estão elencados nesta obra. É de muita importância registrar as recomendações básicas para trabalhar-se com citações, tais como:

As chamadas pelo sobrenome do autor e pela instituição responsável ou título incluído na sentença devem ser feitas em letras maiúsculas e minúsculas. Ex: Muitos estudiosos têm escrito sobre a construção do conhecimento e, dentre eles, destacamos o grande educador Freire (1974), que assim se expressou em sua obra *Uma educação para a liberdade*: “não posso ser apenas o narrador de alguma coisa que eu considerasse como um ‘fato dado’; devo ter uma mentalidade crítica, curiosa e sem repouso, constantemente vigilante, consciente também dos leitores que têm de refazer o próprio esforço de minha pesquisa” (p.42).

Quando o sobrenome do(a) autor(a) e de instituições forem colocadas entre parênteses, a recomendação da ABTN manda colocar em letras maiúsculas, como, por exemplo: “a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e a própria necessidade. A análise da apresentação tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos” (FOUCAULT, 2002, p. 288).

Segundo Köche (1997, p.155), as citações podem ser efetuadas sob a forma de *transcrição*, onde se reproduz o texto original, e em forma de *paráfrase*, em que se usa a citação livre de um texto, sem reprodução. As citações que reproduzem o texto original são chamadas *diretas*; quando se faz a citação de uma citação retirada de uma fonte intermediária (autor que cita outro autor), utiliza-se a expressão *apud*.

As transcrições de até três linhas são inseridas no próprio texto, entre aspas, e as que ultrapassam três linhas passam a ser um parágrafo, que deve ser digitado com recuo à esquerda de 4 cm, em letra menor (fonte 10) e com espaço simples, conforme citações apresentadas nesta obra. No dizer de O’Neil, *apud* Bryne e outros (1977), “as teorias dão um quadro coerente dos fatos conhecidos, indicam como são organizados e estruturados, explicam, prevêm e fornecem, assim, pontos de referência para a observação de fatos novos” (p. 102).

Por um lado, a prática não se restringe à aplicação concreta dos conhecimentos teóricos, por mais que isto seja parte integrante. Prática, como teoria, perfaz um todo, e como tal está na teoria, antes e depois. Sobretudo, prática não aparece apenas como demonstração técnica do domínio conceptual, mas como modo de vida em sociedade a partir do cientista (DEMO, 1999, p. 59).

Quando várias citações referem-se a uma mesma obra, de um mesmo autor, variando apenas os números das páginas, usa-se a expressão latina abreviada *ibid*, como por exemplo: (DEMO, 2000, p. 145; *ibid.*, p. 156; *ibidem*; p.209).

Em se tratando de uma transcrição que é apenas parcial, ou seja, parte de um parágrafo, colocam-se três pontos entre parênteses (...) e faz-se a citação, seguindo-se os mesmos critérios já descritos. De acordo com a norma NRB 10520, as citações devem ser indicadas no texto, seja através de um sistema numérico ou autor-data, e devem ser uniformes em todo o texto. No caso deste nosso manual, utilizamos o sistema autor-data, com indicação da página da obra citada.

Para outras referências (KÖCHE, 1997, p.157), utilizam-se expressões latinas, digitadas em *itálico*, em conformidade com cada caso:

apud (citado por, conforme, segundo);

et al (e outros);

ibidem ou *ibid.* (na mesma obra);
idem ou *id* (igual à anterior);
opus citatum ou *op. cit.* (obra citada);
passim (aqui e ali);
sequentia ou *seq* (seguinte ou que segue).

É recomendável utilizar tais expressões em casos excepcionais, sem exagerar no número de vezes, para que o texto fique leve, sem sofisticções.
 Ex: Silva, *op. cit.*, p. 140.

Quando não se dispõe de dados sobre data, editora e local de publicação, ou ainda para citação de capítulos, páginas, numeração de fascículos e tradutor(a), obra do mesmo autor, recomenda-se a utilização das seguintes abreviaturas:

n. (número ou fascículo);
 n.p (não- paginado);
org. (organizador(a));
p. (página);
s.d. (sem data);
s.ed. (sem editora);
s.l. (sem local de publicação);
s.n.t.(sem local, editora e data);
trad. (tradutor(a));
 v. (volume);
ed.(edição).

As citações diretas no texto, de até 3 linhas, devem estar contidas entre *aspas duplas*, como por exemplo: "a observação é uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa

aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso” (BARROS, 1999, p. 53).

As *aspas simples* são utilizadas para indicar citação no interior da citação: “interpretar significa buscar o sentido mais explicativo do resultado da pesquisa. Significa ‘ler através dos índices’, dos percentuais obtidos, a partir da meditação e tabulação de dados” (*idem*, p. 63).

As citações diretas no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com um recuo de 4 cm da margem esquerda, com letras menores que a do texto utilizado e sem as aspas.

5.3 Notas de rodapé

Também chamadas de notas explicativas, as notas de rodapé são utilizadas para fazer-se um esclarecimento ou comentário ao texto. São portanto, “informações que não puderam ser incluídas no próprio texto, por provocarem uma quebra de seqüência no discurso” (TARGINO, 1998, p. 188). As notas de rodapé são digitadas com a fonte tamanho 10 e com espaço simples entre linhas.

O editor de texto *Word* (ícone *inserir/notas*) já se encarrega automaticamente de numerar a seqüência das citações em algarismos arábicos. Em casos especiais, deve-se utilizar o asterisco (*) para fazer uma chamada sobre um breve currículo do(a) autor(a) de um trabalho científico. Portanto, as notas de rodapé são numeradas em algarismos arábicos ou com asteriscos e devem ser utilizadas após o ponto final da frase. Para Severino (2000, p.109), as notas de rodapé têm tríplice função:

1. permitem uma eventual comprovação por parte do leitor e fornecem pistas para uma retomada do assunto;

2. inserem, no trabalho, considerações complementares que, por extenso, onerariam desnecessariamente o desenvolvimento do texto, mas que podem ser úteis ao leitor, caso queira aprofundar o assunto;
3. trazem a versão original de alguma citação traduzida no texto.

Quando for utilizada a citação bibliográfica como nota de rodapé, é preciso conter apenas a referência do autor, o título da obra e o número da página da obra citada, conforme pode-se observar na construção deste trabalho.

6 ABREVIATURAS DOS MESES

Segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABTN), os meses devem ser digitados com apenas três letras e um ponto final, excetuando-se o mês de maio, que deve ser escrito com as quatro letras, sem utilizar o ponto final.

Quadro 5 - Abreviatura dos meses

MESES	ABREVIATURAS
Janeiro	jan.
Fevereiro	fev
Março	mar.
Abril	abr.
Maio	maio
Junho	jun.
Julho	jul.
Agosto	ago.
Setembro	set.
Outubro	out.
Novembro	nov.
Dezembro	dez.

7 SISTEMA INTERNACIONAL DE UNIDADES NUMÉRICAS

Qualquer documento, seja de ordem técnico-administrativo, sejam monografias, artigos, dissertações e teses, deve respeitar o padrão internacional de unidades numéricas.

Quadro 6 - Sistema internacional de unidades numéricas

CASO	Exemplo
Jamais uma frase deve começar por um numeral.	Na sala de aula, encontravam-se 10 alunos.
Porcentagens, frações e números inferiores a zero são sempre escritos em números.	0,9 23,6 %
Os símbolos (% , \$ etc) são separados por um espaço.	4,5 % R\$ 130,00
Os números inteiros são sempre separados dos decimais por uma vírgula. Quando o valor é inferior a 1, utiliza-se o zero decimal.	8,15 7,182 0,45
Jamais a vírgula deve ser utilizada para separar a casa de milhões, bilhões. Os números são sempre separados por um espaço.	3 246 817, 59 1 465, 87
A hora precisa é indicada conforme exemplos ao lado.	04:36:10h 16:42:15h
Quando a indicação da hora refere-se a determinado momento.	4h 35 16h 42
A data é indicada, separando-se os números por um traço de união.	Padrão internacional 2001-06 -13 Brasil: 03-07-2001
A unidade de medida não deve ser separada por pontos ou traços e comporta apenas um ponto final.	Esta mesa mede 3 m e a outra 1 m.
Jamais utilizar o plural para os símbolos.	3h 28 g

8 CONSTRUÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES ATRAVÉS DE ARTIGOS

Esse tipo de trabalho é opcional, cabendo a cada programa analisar caso a caso, utilizando como critério a construção de três artigos científicos e publicados em revistas de alto nível científico. Cada artigo deverá conter entre vinte a trinta laudas, sendo digitado em português, com a fonte tamanho 12, espaço simples, sem intervalo entre parágrafos. Tudo o mais segue a mesma formatação indicada neste manual, conforme modelo apresentado no Apêndice J.

9 COLETA DE DADOS

Essa fase inicia-se com a aplicação dos instrumentos de pesquisa que foram definidos no projeto de pesquisa, tais como: entrevistas, questionários, observações, registro em planilhas específicas a cada objeto de pesquisa e outros critérios pré-definidos. A coleta de dados exige habilidade, paciência e perseverança do(a) pesquisador(a).

10 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A categorização de dados é a fase preliminar, logo após a coleta de todos os dados, onde se faz a apuração das informações, elencando as respostas dadas a cada questão do questionário formulado, ou de cada item das entrevistas. No caso de pesquisa de laboratório, essa fase requer a apuração dos dados que foram anotados nas planilhas de observação e de controle do fenômeno, *objeto* de estudo.

Em um segundo momento, tem início a *análise dos dados*, onde se classificam em blocos os dados obtidos em cada questão ou item de entrevista, de observação ou ainda manipulação de produtos químicos e de técnicas, formando-se colunas das respostas ou reações convergentes. Uma

vez formados esses blocos, faz-se o enxugamento da resposta ou das reações, procura-se dar um título, surgindo assim a construção das *categorias* com suas *unidades de análises*.

Segundo Seltzer (1960), Mayer e Oulet (1991) e Bardim (1997), a categorização de dados é um processo que exige o máximo de atenção na codificação dos dados e na revisão rigorosa, quanto à classificação das categorias e suas unidades de análises. Portanto, faz-se necessário o máximo de rigor científico, segundo o método e as técnicas adotadas para análise dos resultados, minimizando-se o viés da subjetividade para assegurar a confiabilidade e fidedignidade às informações obtidas, tanto na pesquisa de campo como em trabalhos de pesquisa em laboratórios.

No exemplo do quadro 7, a denominação da categoria ensino-aprendizagem só foi possível após a análise de várias respostas que estudantes e professores forneceram, mediante quatro questões formuladas sobre a estrutura e o funcionamento de um curso de pós-graduação. Nesse caso, foi pesquisado um total de treze pessoas, sendo que, na apuração inicial, tivemos cinquenta e duas respostas (13 x 4). No entanto, o estudo cuidadoso das respostas levou-nos à catalogação em um só bloco de respostas, segundo as informações similares, e assim ficaram reduzidas a sete unidades de análise.

Quadro 7 - Curso de formação de especialistas em associativismo

CATEGORIA	UNIDADES DE ANÁLISE
ENSINO-APRENDIZAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • Domínio de conteúdo • Diálogo • Associação da teoria com a prática • Socialização do conhecimento
	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos que dificultam a aprendizagem • Elementos que facilitam a aprendizagem • Critérios de avaliação

Uma vez realizada a categorização de dados, o passo seguinte é a análise de cada bloco de categorias, tomando-se cada unidade de análise e interpretando-a à luz da fundamentação teórica.

11 CONCLUSÕES / RECOMENDAÇÕES

Após a análise cuidadosa de todas as informações obtidas, recomenda-se criar um capítulo, ou simplesmente um item, para um posicionamento pessoal quanto aos resultados em direção ao avanço do conhecimento referente ao tema pesquisado. As recomendações e/ou sugestões devem ser colocadas de forma elegante, apontando possíveis soluções para os problemas detectados.

12 DEPÓSITO FINAL DO DOCUMENTO

Para a análise da comissão de avaliação, seis exemplares da monografia, dissertação ou tese devem ser entregues na coordenação do programa de pós-graduação a que o estudante estiver vinculado. Como esses exemplares são provisórios, a encadernação deve ser simples (capa plástica com espiral).

Após as observações da comissão e os comentários do(a) orientador)a, autorizando a versão final com as sugestões apresentadas, o(a) aluno(a) deverá fazer o depósito de exemplares com encadernação rígida (papelão), na cor padronizada por cada programa de pós-graduação.